

NASCIDOS EM TEMPOS LÍQUIDOS: Transformações no Terceiro Milênio - Zygmunt Bauman & Thomas Leoncini

Graça Peraça¹

Assim como no livro 'Identidade' em que Bauman, através de trocas de e-mails, concede uma entrevista a um jornalista, 'Nascidos em Tempos Líquidos' também é uma obra resultante de uma entrevista, realizada nos mesmos moldes, por um jovem jornalista italiano, Thomas Leoncini, que, no texto, será citado apenas por TL. Nesse diálogo a distância, a partir de diferentes experiências - com as quais Bauman retoma os principais assuntos que seguidamente abordou, como sociedade de consumidores, laços humanos, comunidade, identidade, segurança e liberdade -, eles trocam ideias sobre fenômenos da cultura atual, onde por vezes concordam, por vezes discordam, o que faz com que o leitor reflita sobre os temas de transformações na pele, bullying e relações amorosas na era das redes sociais. Esta é a última contribuição que Bauman deixa para refletirmos, que veio a falecer antes de ler a versão final das entrevistas, organizadas pelo jornalista. Ainda que Bauman e TL discorram sobre assuntos gerais, a leitura do livro suscitou algumas reflexões no campo da educação, devido a nossa experiência docente. Tais reflexões são sociabilizadas ao final de cada parte.

PARTE 1

TRANSFORMAÇÕES NA PELE: TATUAGENS, CIRURGIA PLÁSTICA, HIPSTER

A questão da tatuagem é abordada enquanto um compromisso duradouro: Quem hoje em dia tatua o nome de seu companheiro em seu corpo? Já o nome de um filho, o seu signo ou a imagem que lhes representa uma lembrança que jamais deva ser esquecida são desenhos comumente feitos, pois o tatuado entende que, aquilo que estas recordações em sua pele lembram, não sairá de sua vida.

¹ Mestre do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense (Campus Pelotas) e aluna do Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia, na mesma instituição.

Para Bauman, a base desse fenômeno de usar o corpo como lugar predileto para colocar os sinais de esperança e expectativas, e da moda em geral, encontra-se em duas contradições formadoras: pertencimento e individualidade, permanência e transitoriedade. Tais contradições problematizam a necessidade de se pertencer a um grupo, de manter vínculo e ser aceito em uma comunidade que talvez nem seja a sua, onde o indivíduo apenas se mostra como um personagem dentro de um cenário que não é o seu de fato. Diz TL que, “quanto mais o indivíduo sofrer para alcançar seu status, mais ele é digno de carregar-lhe a marca, mais tem a honra de fazer parte dele” (BAUMAN & LEONCINI, 2018, p. 24). E o que fazer se o cenário mudar e as marcas não forem mais bem vistas aos olhos do novo grupo ao qual o indivíduo passar a pertencer? Para resolver esse problema, entrevistador e entrevistado dialogam sobre a moda das cirurgias plásticas.

Sobre o sucesso (diga-se sucesso em relação à quantidade de adeptos) das cirurgias plásticas, segundo Bauman, pode-se dizer que a cultura contemporânea da sociedade dos consumidores é governada pelo preceito: “Se você pode fazer então você deve fazer” (BAUMAN & LEONCINI, 2018, p. 29). Como não aproveitar oportunidades de ‘melhorar’ seu próprio aspecto, seguindo a moda dominante do momento, se você pode satisfazer sua vontade ou sua necessidade e ainda se utilizar da ‘máscara’ da medicina oficial? A economia consumista prospera com a estratégia de transformar possibilidade em obrigação e de reverter os efeitos do não mais pertencimento (tatuagens e mutilações corpóreas).

Com relação às estatísticas que trouxe TL (alto índice de tatuados entre os americanos), Bauman acredita que refletem uma tendência que poderá sofrer inversão, movida pelas alternadas vicissitudes da economia consumista. O mercado sempre irá buscar produtos novos para novas satisfações e novas exigências e, como tudo é temporário, tudo é líquido, tatuagens podem vir a ser coisa do passado.

Ao ser questionado pelo fator ‘riqueza’ no que se refere à ostentação em cirurgias plásticas, Bauman assevera que uma carteira bem recheada é sinal de status e admiração pública, ou seja, faz com que a pessoa pertença a uma comunidade de não muitos e ainda assim possa manter sua individualidade, ou pelo menos permite que ela busque essa individualidade. TL inquieta-se com o resultado de uma pesquisa em que se constatou que as jovens leitoras da Playgirl (versão feminina da revista

Playboy) têm preferência por fotos de homens poderosos e influentes às de bonitos, com os atrativos de um belo corpo e indaga se o homem ideal da modernidade líquida é o homem rico, o qual usualmente aparece ao lado de mulheres mais jovens e mais bonitas. A essa inquietação Bauman caçoa, dizendo para TL não tirar conclusões precipitadas de uma simples amostra e que, como a moda, nada é predestinado a durar eternamente.

Esta troca de ideias e experiências trazidas na primeira parte do livro, nos leva a reflexões profundas sobre como muitas coisas parecem ser o que não são, isto é, como a aderência à moda, principalmente se o motivo for o de pertencimento a um grupo restrito, pode mascarar a verdadeira identidade das pessoas. Não vamos aqui generalizar esse pensamento, mas podemos concluir, pelo exposto, que muitos dos que modificam seus corpos o fazem por estarem perdidos em meio de tantos que não os acolheriam em suas comunidades se não tivessem reconhecido neles elementos representantes de uma mesma cultura coletiva. Talvez nesse mundo Líquido Moderno, com a escassez do tempo e o imediatismo de soluções (ou tentativas), as transformações na pele sejam a firmação de um compromisso consigo mesmo, além de serem os símbolos luminosos refletidos em seus próprios outdoors corpóreos para compartilhamento de suas ideias e incompletudes existenciais. Enquanto educadores, Bauman nos faz pensar sobre os corpos enquanto objetos de fala, os quais não podem ser ignorados; entender como os ler e os acolher pode ser um diferencial para as relações em sala de aula.

PARTE 2

TRANSFORMAÇÕES DA AGRESSIVIDADE: BULLYING

Em relação ao bullying, o jornalista parece concordar com o pensamento de Arnold van Gennep², quando esse diz que o ser humano passa por três ritos divididos em três estágios. O primeiro é o período de separação do indivíduo em relação à comunidade: entende-se esse período como a entrada do indivíduo na vida social (acadêmica). Sua primeira comunidade e seus integrantes, isto é, seu lar e sua

² Antropólogo franco-holandês (1873-1957).

família, não serão mais únicos. Ele passa a integrar um novo grupo (escola), estranho num primeiro momento, com outras regras e outros limites. Ele se afasta de sua primeira comunidade e vive dentro de novas leis. O segundo período é o de margem: ao se ver numa nova comunidade, o sujeito se acha perdido. Seu status social não é o mais importante e ele precisa se encontrar, além de encontrar um grupo, dentro dessa nova comunidade, que o acolha. O terceiro estágio é o da agregação: após se integrar numa nova comunidade e construir (ou encenar) uma individualidade conquistada (ou imitada) desde o ingresso no primeiro estágio, o indivíduo volta ao seu hábitat, onde se reconecta à sociedade. Nessa fase de reconexão, o indivíduo, 'reescrito' pelas cicatrizes que colecionou ao longo dessa pequena jornada, tende a querer escrevê-las em outros.

Após descrever estes três estágios, TL indaga Bauman sobre o que pensa sobre serem, as antigas vítimas de bullying, os novos ofensores, já que esses passaram pelas três fases ritualísticas até construírem seu *habitus*. Elegantemente, Bauman responde a essa pergunta dando o exemplo de um sociólogo e historiador, Norbert Elias, que será resumido assim: em 1939, Elias escreveu o conceito de 'processo de civilização', que significava remover das vistas das 'pessoas civilizadas' a agressividade, a coerção brutal e a violência, e transferi-las para as 'pessoas inferiores' (os bárbaros, rústicos, toscos, etc.). Logo em seguida veio o Holocausto e, com ele, todo o tipo de agressão que se possa imaginar. Passado esse período, os seguidores de Elias anunciaram um 'processo de descivilização' e se empenharam em explicar essa repentina e inesperada reviravolta da condição humana. Algumas vezes sugeriram que vivemos em uma repetição do modelo que acometeu toda civilização passada – e que acometerá as futuras.

Com essa resposta, parece que Bauman acredita que há um ciclo em nosso desenvolvimento cultural que instigaria a repetição de modelos comportamentais. Mais adiante ele considera que um papel importante nesse desenvolvimento é, e continuará sendo, exercido pela nova tecnologia da comunicação mediada, não como sua causa, mas como sua crucial condição facilitadora. Desde cedo Bauman entendeu que ser vítima de bullying era uma questão de exclusão. Quando mais tarde começou a pensar como um sociólogo, compreendeu que, para o agressor, designar um inimigo

e demonstrar a todo o custo a sua inferioridade era a conquista da medalha de identificação do seu eu.

TL considera que o bullying entre garotos é diferente, em alguns aspectos, do bullying entre garotas. No primeiro caso se recorre à violência física enquanto que, no segundo, predomina a violência verbal. Traz dados que um entre cinco estudantes americanos é vítima de bullying e que o principal móvel é a homossexualidade; ainda, que gays e lésbicas têm o triplo de probabilidade de se suicidar. A esse respeito, Bauman não leva muito a sério as motivações dos ofensores, diz que elas vão e vêm conforme a moda, que a necessidade de bullying e de seus objetos e móveis sempre existiu e nunca acabará, e acrescenta que acredita serem os migrantes a moda do momento. Ao tocar no tema relacionado aos migrantes, Bauman desencadeia novos questionamentos de TL, que traz uma observação de Kant sobre viver na superfície da esfera terrena. Kant observou que, algum tempo atrás, ‘mover-se’ ou ‘deslocar-se’ significava aumentar a distância em relação ao outro. Hoje (o hoje de Kant), no entanto, esse conceito mudou para reduzir a distância em relação ao seu próximo, ao que o filósofo afirmou: “Mais cedo ou mais tarde se acabarão os espaços vazios” (BAUMAN & LEONCINI, 2018, p. 50). Hoje (o nosso hoje) se reconhece a veracidade das observações feitas por Kant, visto que a própria imposição da natureza faz com que seja assim e, por isso, também, se deve considerar a hospitalidade como a pilastra da modernidade.

Quando indagado por TL sobre o que pensar da responsabilidade individual se deslocar para a responsabilidade coletiva – quando muitos assistem a um espetáculo de horrores e ninguém se move para ajudar, parecendo que a responsabilidade de ajudar não era apenas de um e que, se outro não o fez, por que então aquele faria? –, Bauman nos faz pensar que, embora os eventos novos e insólitos tendam a chocar pela sua crueldade, se repetidos, multiplicados, sempre revistos ou escutados, tendem a se despojar de sua capacidade de chocar; acabam, pela monotonia de sua repetição, ‘normalizados’, tornados ‘comuns’. Com esse raciocínio, se questiona sobre o bullying: será que o bullying já não terá deixado de ser considerado chocante para ser considerado um agradável passatempo e entretenimento para um número crescente de espectadores?

A leitura desta parte do livro propicia uma reflexão acerca de diversas questões sobre o bullying. O fato é que existe, maltrata e traumatiza. Se nossa cultura segue um ciclo repetitivo, esperamos que essa fase passe rápido e que a humanidade cresça (moral e intelectualmente) logo, para que quando essa fase novamente se tornar visível no horizonte, já tenhamos o antídoto para a sua transformação em algo melhor. Esta discussão fez-nos entender os disparadores do bullying, o que pode nos auxiliar, como educadores, a ficarmos mais atentos às suas manifestações no espaço escolar e, obviamente, intervirmos para que sua prática seja mínima.

PARTE 3

TRANSFORMAÇÕES SEXUAIS E AMOROSAS: DERROCADA DOS TABUS NA ERA DO AMOR ON-LINE

Na introdução deste tema, TL delinea sua história da web. Conta como, na sua juventude, surgiu a moda das mensagens telefônicas e da tentativa de encurtar as distâncias espaciais dominando o tempo através da web. TL compara os jovens de ontem com os jovens da modernidade líquida e conclui que as necessidades e os problemas são os mesmos: esse encurtamento do espaço com a aceleração do tempo e a agressividade do bullying. Junto com a individualidade que a web parece prometer, a rede de conexões faz muitas vítimas: perseguições, fake news, exclusões, violência verbal, exposições, suicídio, etc. TL diz que com a internet temos, de fato, a ilusão de sermos pessoas únicas e capazes de gerir a superabundância de busca do sentido da vida. É compreensível quando Bauman diz que os seres do século XXI são ‘de dois mundos’: o mundo on-line e o mundo off-line. Define o mundo on-line como o mundo em que somos induzidos, solicitados e aliciados a construir, que podemos projetar sua forma e seus conteúdos, cancelar e excluir dele os fragmentos indesejados, incômodos, que criam desconforto, ou seja, um mundo do qual temos o

controle. Um mundo em que, com um simples ato, podemos cancelar o aparecimento daquilo que não desejamos ou bloquearmos o acesso de convidados indesejados. A rede permite um ‘esplêndido isolamento’, pura e simplesmente irrealizável e inconcebível no mundo off-line. Em vez de servir à causa de ampliar a quantidade e melhorar a qualidade da integração humana, de compreensão, da cooperação, da solidariedade recíproca, a web facilitou as práticas de isolamento, separação, exclusão, inimizade e conflito.

TL comenta sobre o mecanismo de divulgação que a web pode ser, a ‘fama-web’. Nela, todos podemos ter nossos minutos de celebridade, mesmo não sendo uma. Quanto a isso, Bauman o faz ver o lado positivo dessa possibilidade: pessoas que jamais seriam ouvidas, por não terem atraído a simpatia das emissoras de TV ou jornal, que eram barradas nas esferas públicas, hoje não possuem empecilhos para divulgarem suas ideias ou seus talentos. Em seguida, quando o assunto converge para relacionamentos virtuais, TL traz a informação de que, desde 2009, um jogo da Nintendo, intitulado Love-Plus, que simula a experiência de amor romântico com um adolescente, tornou-se recordista de vendas no Japão e questiona se o amor virtual é a arma hipermoderna do superpoder atual. Sobre isso, Bauman salienta que, no momento em que você se apaixona, vai querer eternizar esse sentimento e que esse desejo de ‘durar para sempre’ implica numa promessa de amor eterno, incompatível com os tempos de hoje, tempos de breve duração. Compromissos do tipo “até que a morte nos separe” se transformam em contratos temporais e transitórios por definição, cuja vigência dura enquanto durar a satisfação ou enquanto satisfizer algum projeto.

Em relação ao desejo e ao amor, TL define o desejo como um impulso de autodestruição, algo que quer consumir; o amor, ao contrário, é o desejo de acudir ao objeto pelo qual se tem apego, algo que quer possuir. Diz que o amor detém seu prisioneiro e o vigia, prendendo-o para protegê-lo, e questiona seu entrevistado sobre a incerteza humana. Diz Bauman que a ruína dos laços interpessoais contemporâneos é a incerteza alimentada pela ignorância (no sentido de não saber o que esperar do seu parceiro) e pela impotência (no sentido de reagir de forma inadequada quando surpreendido pela ação do parceiro) que podem levar à humilhação (gerando aversão às promessas solenes a longo prazo, até que a experiência ruim passe ou se dilua).

Nesse íterim, a conversa encaminha-se para a questão de liberdade sexual, com a qual TL se mostra preocupado: “[...] aquilo que ontem não se podia viver abertamente hoje pode ser feito, ou melhor, pode até ser sintoma de ‘vanguarda’, de superação do ‘velho’, de capacidade, de inteligência” – no sentido de capacidade que o ser humano tem de se adaptar ao ambiente, tanto o social quanto o físico (BAUMAN & LEONCINI, 2018, p. 82). Com tantas incertezas, questiona sobre os limites à sexualidade e sobre a possível abolição do limite do incesto. Nesse ponto, Bauman não concorda muito com o nexos feito entre capacidade de adaptação e inteligência e relega as mudanças socioculturais ao mecanismo de ‘destruição criadora’ que comporta adaptação e rebelião. Ainda, afirma que a cultura, na fase contemporânea de sua história, tende para seu lado destrutivo com a intenção de mostrar e enfatizar a mutabilidade, a fragilidade, a endêmica instabilidade e transitoriedade e a brevidade da expectativa de vida de todos os produtos culturais.

Por fim, TL divaga sobre a flexibilidade/trabalho no nosso moderno mundo líquido. Considera que os saberes formalizados estão, sem dúvida, em número, muito acima em relação ao passado, mas que essa formalização não anda junto com a competência para o concreto. As possibilidades de saberes formalizados são muitas e, com isso, a demanda também é muito grande: ao mesmo tempo em que desejamos ter nossos saberes reconhecidos com um bom emprego/salário, o mundo exige flexibilidade.

Refletindo sobre esta parte, é possível – e, acreditamos, plausível – que muitos prefiram as facilidades de um relacionamento a distância (principalmente em se tratando do término), a flexibilidade de um trabalho remoto e a possível ‘fama-web’, que possibilita o reconhecimento ao desconhecido. Por outro lado, há os que defenderão as incertezas da união estável, o emprego tradicional (rotina e tempo diário preestabelecido) e o tão merecido descanso em família. O fato é que os nascidos em tempos líquidos possuem mais responsabilidades do que aquilo que percebem: a demanda de tempo que devem permanecer on-line, tanto para trabalho quanto para capacitação, extrapola, em muito, o tempo que seus antepassados necessitavam para garantir um bom sustento e ainda conviver com suas famílias. Talvez por isso muitos jovens de hoje ainda corram atrás de concursos públicos que lhes garantam, disfarçadamente, a desejada constância financeira.

Resumidamente, poder-se-ia afirmar que estamos boiando na liquidez do mundo moderno, mas estamos rezando para encontrar um porto seguro bem sólido que nos garanta a estabilidade do passado. Em particular, no que tange às redes sociais e à conectividade, em relação com a educação, esta parte nos possibilitou entender melhor o comportamento dos alunos e a ânsia que têm por se manterem atentos aos seus celulares, durante todas as atividades. A partir disso, seria bom os professores pensarem como transformar esta ação em algo pedagógico, talvez incrementando o uso com apps educativos para as atividades de aula ou grupos de discussão sobre as temáticas estudadas. Os autores do livro são muito realistas em todos os temas abordados e é interessante ressaltar que não é necessário ter conhecimento de outras obras de Bauman para que compreendamos, de forma simples, suas ideias e conceitos. De fato, alguns dos assuntos são contemplados em outros de seus livros, mas este estilo de escrita, nos moldes de entrevista, instiga o leitor a querer saber a resposta do entrevistado às questões levantadas e, até mesmo, a saber da concordância ou discordância do entrevistado.

Zygmunt Bauman, sob responsabilidade (e que responsabilidade) de Thomas Leoncini, nos deixa este último regalo para nos mostrar a importância da união entre a continuidade (os nascidos em tempos sólidos) e a descontinuidade (os nascidos em tempos líquidos). Afinal, o que é o líquido sem a solidez do recipiente que o comporta?

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z.; LEONCINI, T. **Nascidos em tempos líquidos**: Transformações no terceiro milênio. Tradução de Joana Angélica D'Avila Melo. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2018.